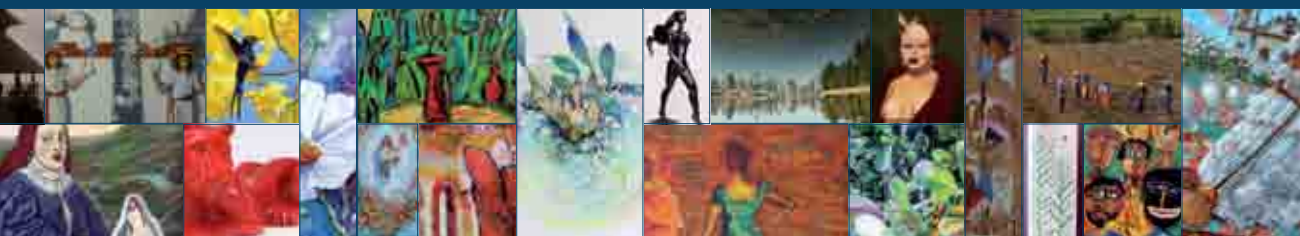
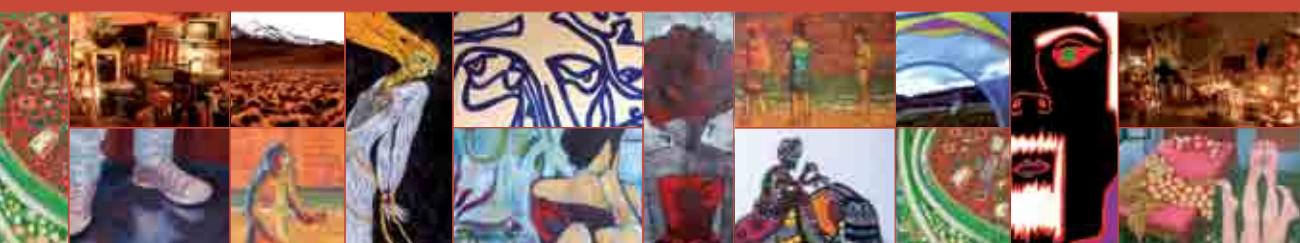


C A T Á L O G O

E s p a ç o C u l t u r a l



2013



2014

SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO
Coordenadoria de Memória e Cultura
Seção de Memória e Difusão Cultural

C A T Á L O G O
E s p a ç o C u l t u r a l

2 0 1 3

2 0 1 4

S E C R E T A R I A D E D O C U M E N T A Ç Ã O
Coordenadoria de Memória e Cultura
Seção de Memória e Difusão Cultural

BRASÍLIA 2015

EXPEDIENTE

SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO
Coordenadoria de Memória e Cultura
Seção de Memória e Difusão Cultural
Espaço Cultural STJ

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Coordenadoria de Múltiplos Meios

ÍNDICE

2013

- 05 Apresentação**
- 08 CONOMI MIWA**
HANA NO SEI – ESPÍRITO DAS FLORES
- 12 LUIZ BHITTENCOURT**
CONSAGRADOS
- 16 MARCELINO CRUZ**
ABCdário: ABSTRATA, BRASÍLIA, CONCRETA
- 20 VÂNIA BRAGA/DIEGO RODRIGUES**
ATOS E MOVIMENTOS
- 24 LEO BRIZOLA**
PINTURAS
- 28 TEREZA RIBA**
MEMÓRIA
- 32 HELENA JANSEN (CURADORA)**
AQUARELA PLURAL/COLETIVA
- 36 SANDRA FREITAS**
RETALHOS DO BRASIL
- 40 HECTOR RABINOVICH/MILTON ANDERSEN**
VOLTA AO MUNDO EM TAMANHO REAL

2014

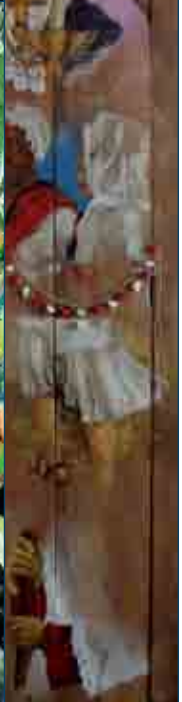
- 46 CHICO MONTEIRO**
RETRATOS EM LINHAS TORTAS
- 50 CHRIS CONTREIRAS**
FEMININO
- 54 NAZZARENO STANISLAU**
SILÊNCIO NO DESERTO DO ATACAMA
- 58 MIGUEL JAIME GUITER**
FILIGRANAS
- 62 ISA FRANTZ**
NEXOS EM TRÂNSITO
- 66 ANGELO ISSA**
SILÊNCIO
- 70 JÚLIA DOS SANTOS BAPTISTA**
BRASÍLIA TEM TODAS AS CORES – 54
- 74 MARCELO MOURÃO**
100% LIVRE

APRESENTAÇÃO

O Espaço Cultural STJ cumpre um papel educativo e social, na medida em que promove o acesso e a divulgação de bens culturais, e contribui para a formação crítica e para a reflexão do indivíduo sobre si mesmo e o mundo ao seu redor. Ao longo de 13 anos, tornou-se referência como espaço inovador e amplamente visitado pelo público apreciador das artes visuais em geral e especialmente pelos servidores desta Casa.

As oportunidades de ocupação desse espaço são democraticamente divulgadas e analisadas, para eleger um cronograma de exposições a cada ano. Aliado às exposições permanentes, oferece ao público de estudantes dos projetos socioeducativos uma importante vivência, talvez a primeira de suas vidas, de visitar um ambiente museológico, apreciar obras artísticas e objetos históricos que falam sobre e para suas vidas.

Dessa forma, o Espaço Cultural STJ é importante instrumento na formação do público apreciador das manifestações artísticas e também dos museus brasileiros.



2013

Na pintura japonesa, enfatiza-se as peculiaridades do objeto em si, de forma que o espaço e o fundo, muitas vezes, sequer são retratados.

CONOMI MIWA

HANA NO SEI – ESPÍRITO DAS FLORES

O Espírito das Flores reverencia e homenageia a Vida, presente nas cores vivas e fortes das orquídeas retratadas com elegância e sobriedade por Konomi. A ideia desta mostra surgiu a partir de uma experiência marcante para a artista: estar à sombra de uma árvore envolta em orquídeas, certo dia às margens do Rio Tocantins. Não apenas as flores eram belíssimas, como também todo o conjunto de folhas e raízes em mutualismo formavam um impressionante conjunto em que se pressentia a força vital do Espírito, o Ser.

Konomi é o nome artístico de Conomi Miwa, embaixatriz do Japão no Brasil, cuja predileção é retratar, em suas obras, as orquídeas. Estudou pintura ocidental com Etsu Sakurai e Setsuko Okada. A influência da pintura japonesa se evidencia em sua obra, na ênfase ao objeto retratado em primeiro plano, em contraste com o fundo vazio. E, principalmente, no uso da técnica milenar japonesa de pintura ou caligrafia sobre rolos, o Kakejiku.

Originalmente, o Kakejiku chegou ao Japão vindo da China nos Períodos Nara e Heian (Século VIII) junto com o Budismo. No início, o Kakejiku era usado para escritos sagrados do Budismo, e, posteriormente, no período Kamakura, surgiram especialistas que o utilizavam para a caligrafia e a pintura (Séculos XII-XIV). No Período Muromachi (Séculos XIV-XVI), com a influência do Zen-Budismo e da Cerimônia do Chá, estabeleceu-se um estilo japonês próprio de Shin, Go e Sou, de Yamato Hyoso, e que se diversificou no Período Momoyama (Século XVI). Portanto, a técnica de kakejiku vem se aperfeiçoando, refletindo o gosto e as características de cada época.







Seu brilhante trabalho marca presença em toda parte, tanto em acervos particulares, quanto em instituições, organizações, empresas e ordens religiosas, consolidando-se pelo reconhecimento dos conhecedores e apreciadores de arte.

LUIZ BHITTENCOURT CONSAGRADOS

Um sonho revelador, no qual ele pintava em uma tela as imagens que via. Este foi o início da carreira deste renomado artista do Vale do Paraíba. Luiz Bhattencourt, natural de São José dos Campos, São Paulo, estudou administração de empresas e profissionalizou-se em planejamento e desenvolvimento de eventos, área na qual atuou por quatorze anos. Mas foi por meio da arte que ele encontrou um caminho de autorrealização e ganhou fama mundial. Pintando a partir dos sonhos que povoavam sua mente, descobriu o fascínio das telas, movido pela busca espiritual de conhecimento interior e do divino. Já na primeira exposição, vendeu 15 telas.

Com a ajuda de Luciana Melo, artista plástica e amiga que o incentivou desde o início, e Elisa Pires, que acreditou no seu trabalho e exigiu dele a dedicação e a entrega necessárias ao seu desenvolvimento, ele criou um estilo próprio e marcante. Frequentou, ainda, o ateliê de desenho do artista Luís Chalita e o ateliê de gravura do artista George Rembrandt Gütlich.

Hoje, suas obras estão espalhadas por todo Brasil e em países como Inglaterra, Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, Suécia, Rússia, Holanda, EUA, Canadá, México, Argentina, Costa Rica, Uruguai, França, Noruega, Austrália, China, Japão, entre outros. Seu brilhante trabalho marca presença em toda parte, tanto em acervos particulares, quanto em instituições, organizações, empresas e ordens religiosas, consolidando-se pelo reconhecimento dos conhecedores e apreciadores de arte.







Pinturas, painéis, colagens e objetos presentes na mostra se transformam numa mensagem crítica, que reflete sua indignação sobre o mau uso do espaço urbano.

MARCELINO CRUZ

ABCdário: ABSTRATA, BRASÍLIA, CONCRETA

Em "ABCdário: Abstrata, Brasília, Concreta", Marcelino Cruz traz à tona o debate sobre abstração e realidade em Brasília, a Capital Federal, onde a realização de uma utopia, criada como sinônimo de inovação e modernidade, perde-se na luta etérea entre a utopia almejada e a realidade concreta, baseada no improvisado, na gambiarra, no efêmero. Nessa direção, busca problematizar o embate estético entre o abstrato e o concreto, destacando os intrincados aspectos humanos, econômicos, políticos, geográficos e arquitetônicos que envolvem a construção cultural da capital modernista e seus contrastes. O futuro chegou; a sustentabilidade é a ordem do dia, a bola da vez. A necessidade do utópico, da pluralidade, do sonho, do lírico se mostra hodierna.

A plástica extraída do resultado do crescimento caótico, da poluição visual da cidade hoje, é objeto de investigação criativa de Marcelino Cruz. Assim, faixas de propaganda afixadas em locais proibidos, *outdoors* que infestam a cidade e o lixo são matéria-prima abundante para a criação do artista.

Aliado a um processo de reciclagem, constrói suas telas de uma forma sustentável, recolhendo as faixas que poluem a cidade. A mensagem presente nas faixas dá lugar a uma pintura que flerta com o grafite e a arte pública. Pinturas, painéis, colagens e objetos, presentes na mostra, se transformam numa mensagem crítica, que reflete sua indignação sobre o mau uso do espaço urbano. "Puxadinhos", especulação imobiliária, crescimento desordenado, invasões de toda sorte daí resultantes são alguns dentre tantos aspectos que revelam o descompasso com a urbe intocável, artificial e planejada para ser uma obra de arte.

A tipografia, recorrente na construção de sua linguagem artística, é utilizada pelo autor para expressar o que vê na cidade inclassificável. Letras, números, linhas e fragmentos de textos fundem-se com cores e desenhos ilustrados por elementos vagamente figurativos, para retratar a cultura da cidade em construção.

Esta mostra ressalta a visão particular e crítica do artista sobre o cotidiano da cidade. Trata-se de uma ilustração, microscópica e local, do caos urbano inserido num contexto macro e global que ocorre nos quatro cantos do mundo. Mas a capital é especial. Se não fosse tão lúdica e abstrata, não seria tão concreta essa realidade.







Vânia Braga é uma das mais respeitadas artistas figurativas do Brasil.

O artista Diego Rodrigues recebeu as melhores críticas de colecionadores e curadores do cenário artístico mineiro.

VÂNIA BRAGA/DIEGO RODRIGUES

ATOS E MOVIMENTOS

Vânia Braga é uma das mais respeitadas artistas figurativas do Brasil, e trouxe nesta mostra coletiva suas famosas obras de felinos e panteras feitas de bronze, mármore reconstituído e resina cristal com tinta automotiva. Segundo a artista plástica, que foi proprietária de galerias de arte durante 12 anos, sua inspiração foi a escultora contemporânea Sônia Ebling. Algumas esculturas da nova fase de Vânia Braga, mais voltada ao erotismo, também foram apresentadas.

Inspirada em Rubens Gerchman, um dos ícones da arte pop brasileira, a artista criou peças como "Tango" e "Os Amantes". Vânia Braga também lançou no STJ seu primeiro livro "Esculturas", já lançado em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro, em que destaca todo o processo de produção e criação de suas obras.

O artista Diego Rodrigues recebeu as melhores críticas de colecionadores e curadores do cenário artístico mineiro. Com sua dedicação e talento, utiliza as mãos para modelar suas obras em argila com extrema facilidade e destreza. Sua sensibilidade o leva a criar belas esculturas que representam mulheres de formas particulares e exuberantes. Ele expôs 17 peças que retratam duas séries distintas: "BH" e "Gordinhas e Pombas". As obras desta fase do artista mineiro têm como matéria-prima o bronze reconstituído e apresentam aspectos bastante modernos e vivos.







O artista assume um novo conceito de masculino/feminino, outorgando à figura feminina o poder simbólico da redenção e da força.

LEO BRIZOLA PINTURAS

“Paradoxo, ambiguidade, angústia, situação limite, repetição e ascese são alguns dos termos que convêm à obra de Leo Brizola. Ele é um artista raro de se encontrar hoje: verga-se aos rigores da pintura tradicional em seus mais exigentes requisitos e aponta caminhos ainda possíveis dentro dessa técnica. Seus quadros nos introduzem a um mundo plástico e poético, onde as imagens de seu repertório icônico exaltam a presença do humano, da luz, do espaço e do mistério.

Leo nos aproxima de um mundo atemporal onde os signos se transformam em escrituras enigmáticas e as luzes se acasalam com as imagens, engendrando vida a um outro personagem: a sombra (sombra limpa, recortada, e muitas vezes se tornando a protagonista de todo o quadro).

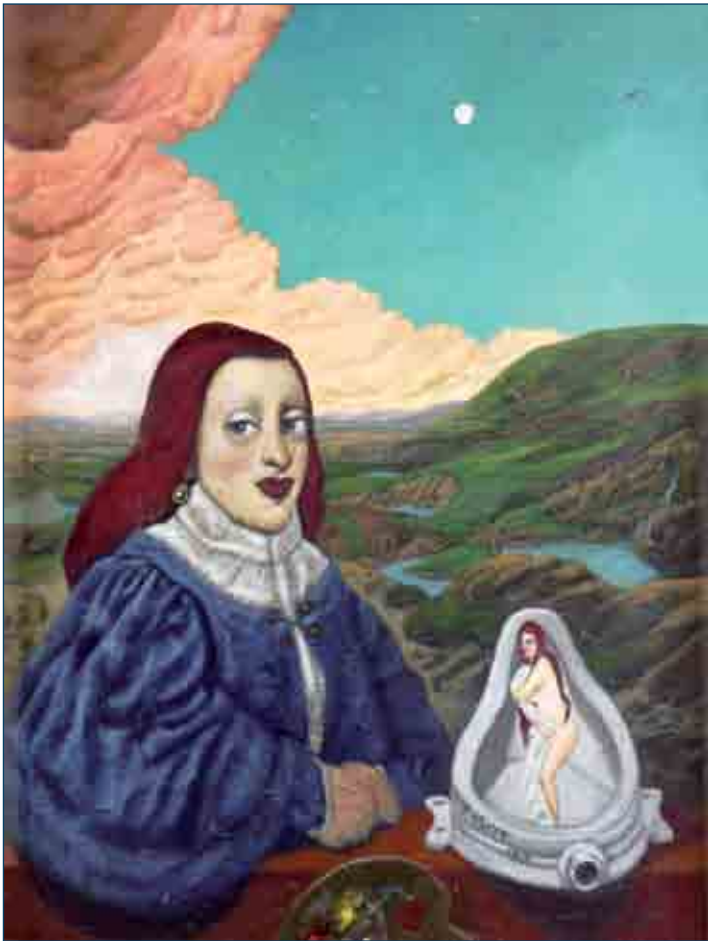
Leo é um pintor sensível que maneja muito bem os elementos formais e os subjetivos. Com um profundo sentido de narração de um contista medieval, ele nos relata através de suas obras – cheias de pedaços de vidas – o poder mágico da metáfora fundida a sua realidade. Suas telas, apoiadas em um excelente desenho e equilíbrio de volumes, expressam um rico conteúdo existencial. Suas figuras, sejam elas solitárias ou compartilhadas, estão sempre em permanente estado meditativo, criando uma síntese poética do desamparo, da marginalidade

e da dor. A mulher é usada como paradigma da beleza e se une ao mito da criação. O artista assume um novo conceito de masculino/feminino outorgando à figura feminina o poder simbólico da redenção e da força. Tudo aparenta silêncios e um certo ascetismo. Até as paisagens, exuberantes, parecem viver o torpor do mistério do adormecimento, propício da escola metafísica.

Homens, mulheres, crianças e bichos enfrentam um entorno que parecem não compreender, padecendo heroicamente nessa instabilidade, um minuto antes do terror, do grito e do irracional assombro. Caladas, as figuras se arrastam escondidas na voz de seus ancestrais (essa voz que também está incrustada na alma do artista, em suas metas e em seu desejo de um mundo novo).

Normalmente, suas imagens transcendem os limites dos quadros envolvendo o espectador e fazendo-o participar da cena que contemplamos. Há sempre um espaço gerando espaços, uma vida gerando vidas, memórias gerando mitos, suspiro gerando risadas, melancolias gerando festas, gerar gerando gerar, pois onde transita o perigo floresce a salvação.”

Miguel Gontijo
Artista plástico







Os registros da nossa memória encontram-se presentes no cotidiano do homem, conduzindo ações e se projetando na construção de corpo, alma, cidade.

TEREZA RIBA

MEMÓRIA

“A mostra Memória tem como proposta resgatar lembranças que se encontram escondidas no tempo veloz e fragmentado da vida de hoje. A poética dialoga com sentimentos, desejos e sonhos presentes em rituais profanos e religiosos.

Em meio a esboços e anotações, a ideia emerge, síntese de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida ao longo de muitos anos em vivências coletivas e individuais, com o foco nos aspectos regionais e culturais brasileiros. A obra surge em forma de pintura, de aplicações de rendas, de tecidos, de passamanarias, da cera que é derretida sobre a tela, enfim, dos símbolos que juntos redesenham uma nova ordem do sensível.

Os registros da nossa memória encontram-se presentes no cotidiano do homem, conduzindo ações e se projetando na construção de corpo, alma, cidade. Essa memória é espessa, densa de histórias. Ela se oferece generosamente às pessoas e espera ser resgatada para lhes trazer abrigo e proteção.

Este trabalho apresenta-se como um ato de resistência, uma tentativa de frear a velocidade dos dias de hoje a fim de poder perceber o entorno, deixar-se livre para sentir e mergulhar nas experiências refletidas na diversidade cultural dos interiores do Brasil.”

Tereza Riba
Artista plástica







Nesta mostra, temos vários temas e estilos, que vão do abstrato à pintura científica. Demos destaque às releituras de artistas renomados, numa singela homenagem.

Artistas participantes:

Aldo Silveira
Alice Araujo Marques de Sá
Anne Martins
Antônio Joffily
Bruno Benoiel
Cárcamo
Carlos Cristo
Catarina Cecilia Odélius
Cosette Castro
Daniela da Fonseca Varotto Foureaux
Elisa Alencar Menezes de Lima
Evelyn Levi
Fernanda Pinheiro
Flávia Nogueira Rode
Helena Jansen
Ione Egler
Ivanda Rodrigues
Jacqueline Low-Beer
Joaquim da Fonseca
José Carlos Menezes
Luiza Aguirre
Marcos A. Santos-Silva
Maria das Graças Gomide Nasser
Maria Pacca
Suzana da Cunha
Nadia João
Perpe Brasil
Renato Alarcão
Rosana Maria Manteufel
Rosana Stockler
Sheila Collares
Vânia Fernandes Diniz
Verena Paim
Wilma Ferrari

HELENA JANSEN (CURADORA) AQUARELA PLURAL/COLETIVA

“O objetivo desta mostra consistiu em reunir pessoas que apreciam a aquarela e mostrar toda a versatilidade desta técnica. De todas as técnicas de pintura, a aquarela é a que oferece um maior número de possibilidades e efeitos a quem se permite interagir e se deixa levar por ela. Ela tem vida própria – normalmente obtemos melhores resultados quando, com humildade, nos rendemos aos seus caprichos. Frequentemente os acidentes de percurso conduzem aos mais instigantes caminhos: incorporá-los à pintura (em vez de tentar domá-los) pode ser uma grande diversão (ou um enorme sofrimento) para o aquarelista, dependendo da sua atitude mais ou menos controladora.

Nesta mostra, temos vários temas e estilos, que vão do abstrato à pintura científica. Demos destaque às releituras de artistas renomados, numa singela homenagem. Reunimos 34 artistas com as mais variadas experiências: desde os internacionalmente reconhecidos até os iniciantes. Suas idades também variam muito, indo dos 17 aos 87 anos.

A aquarela costuma provocar uma deliciosa sensação relaxante em quem a pratica e se mostra uma boa terapia que acolhe a todos, sem nenhum efeito colateral.”

Helena Jansen
Curadora







Com uma técnica própria, mistura tintas e cores com intervenções de tecidos estampados, onde o observador se confunde em distinguir o que é pintura e o que é aplicação.

SANDRA FREITAS RETALHOS DO BRASIL

Inspirada na trajetória das lonas de caminhão, que viajaram o Brasil com a função de transportar os mais diversos produtos, esse material recebe agora uma nova roupagem. Usando lonas restauradas, a mostra pretende viajar novamente o país, refletindo sobre particularidades do nosso povo. Crenças, rituais, festas e manifestações populares são observadas sob a ótica de nossas tradições, assim como de culturas atuais.

Com uma técnica própria, mistura tintas e cores com intervenções de tecidos estampados, onde o observador se confunde em distinguir o que é pintura e o que é aplicação.

“Quero retratar a emoção em cada obra que realizo. Minha arte é direcionada pela minha essência interior. Identifico sentimentos, revejo atitudes e dou abertura aos impulsos criativos.”

Sandra Freitas
Artista plástica







Unindo a paixão por fotografar e a paixão por viajar, os artistas apresentam esta coleção de relatos visuais, em 40 imagens captadas ao redor do mundo.

HECTOR RABINOVICH/MILTON ANDERSEN VOLTA AO MUNDO EM TAMANHO REAL

VOLTA AO MUNDO EM TAMANHO REAL é o resultado da experiência e dedicação à fotografia de Hector Rabinovich e o olhar cinematográfico de Milton Andersen. Unindo a paixão por fotografar e a paixão por viajar, os artistas apresentam esta coleção de relatos visuais, em 40 imagens captadas ao redor do mundo.

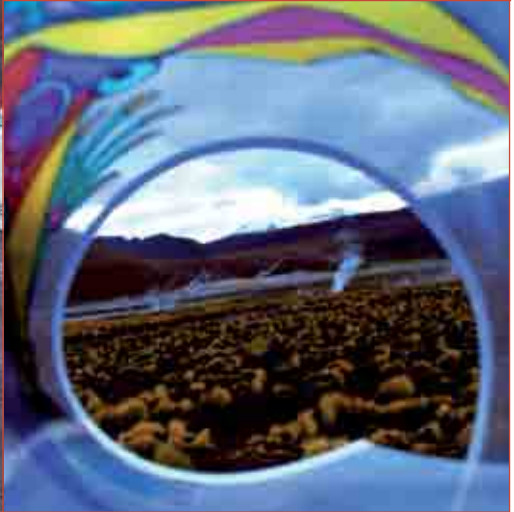
HECTOR RABINOVICH, ganhador da medalha de ouro no último Salão Internacional de Singapura, é membro do Foto Club Buenos Aires (FCBA) desde 1958. Ganhou diversos prêmios e menções honrosas na Argentina e no exterior. MILTON ANDERSEN é cineasta, animador e inicialmente utilizou a fotografia apenas para registro em seus trabalhos com vídeo e efeitos visuais. Posteriormente, descobriu na fotografia de paisagens em *fine art* uma paixão.

Esta mostra reúne um conjunto de imagens dos lugares onde ambos estiveram. O olhar de Hector capta, com sensibilidade artística, instantes do cotidiano e a cultura dos países por onde andou. Já as fotos de Milton fazem referência à pintura e ao cinema, mostrando predominantemente paisagens, algumas com um leve toque surrealista.









2014

O que seria a linha senão um desatino premeditado?
Sair caminhando, apenas, sem fim para chegar.

CHICO MONTEIRO

RETRATOS EM LINHAS TORTAS

“Nos trabalhos de Chico Monteiro, linhas firmes se contorcem em desejos inauditos. O fluxo livre percorre o espaço. Não há medo, o traço segue continuamente abstendo-se de hesitações: linhas sem arrependimento.

Vazio e linhas compõem situações inusitadas, imagens inesperadas surgem a partir da simbiose de ausência e presença, revelando aos olhos o entre que constitui suas formas. O que parece sutileza de garatujas precisas, fragmentos abstratos, logo vai tomando parte na reivindicação de um cotidiano pleno de realidade concreta, forma objetiva.

As referências inconscientes de construção da imagem, onde a linha não duvida do percurso, mas tampouco pergunta o caminho, dão lugar a corpos em situações cotidianas, retratos e interiores de ambientes aconchegantes. O banal, o simples que nos permeia diariamente dispensa metáforas. Esta construção poética de imagens ordinárias dialoga com os materiais utilizados por Chico Monteiro: tinta PVA (de parede) com pigmentos, lápis de cor, giz de cera escolar, caneta esferográfica, papéis de rascunho disponíveis à primeira mão. Há uma urgência no desejo de produzir tais obras, fazer o acaso presente, assumindo o que houver como material e explorar suas impossibilidades. As limitações provocadas pela precariedade que tais materiais sugerem, alcançam resultados sensíveis e sofisticados com limpeza visual que estabelece os limites das linhas que habitam o espaço.

O que seria a linha senão um desatino premeditado?
Sair caminhando, apenas, sem fim para chegar.”

Maria Eugênia Matricardi
Artista plástica







Uma estética que busca por baixo e por trás de padrões e tramas regulares, decodificadas pela razão, revelar o que existe de delírio e emoção.

CHRIS CONTREIRAS FEMININO

"Diante de um trabalho aberto e assumidamente decorativo [que, depois de Beatriz Milhazes, a crítica voltou a admitir], inicia-se uma busca por diálogos ubíquos em todos os campos artísticos.

Tradição e Ruptura. Christiane nos oferece temas que remetem a ambientes ancestrais, maternais... Fronhas, porcelanas, arranjos florais em papéis de parede, como os decalques dos bidês da Ouro Preto que amamos. Tais motivos flutuam sobre fundos complexos, abstratos e líricos, que não seriam alcançados sem a vivência iconoclasta da modernidade.

Superfície e Volume. Das profundezas insondáveis de seus fundos – sejam os policromáticos, sejam aqueles que exploram os 1.327 matizes do branco – Christiane extrai a matéria com a qual molda figuras, padrões e objetos que desafiam a bidimensionalidade. Do mesmo modo como, na sua labuta, perscruta o inconsciente alheio para – a partir daí – reconstruir os egos.

Racionalidade e Subjetividade. Uma estética que busca por baixo e por trás de padrões e tramas regulares, decodificadas pela razão, revelar o que existe de delírio e emoção; cuja fruição se dá de forma unicamente sensual [sensitiva?].

Feminino e Masculino. NÃO. O trabalho é feminino... De uma feminilidade radical, explícita e libertária."

Francisco C. Leitão
Professor de História da Arte e da Arquitetura







Não quero minha arte concorrendo com outra arte e sim compartilhando,
ensinando e aprendendo com outros artistas.

NAZZARENO STANISLAU SILÊNCIO NO DESERTO DO ATACAMA

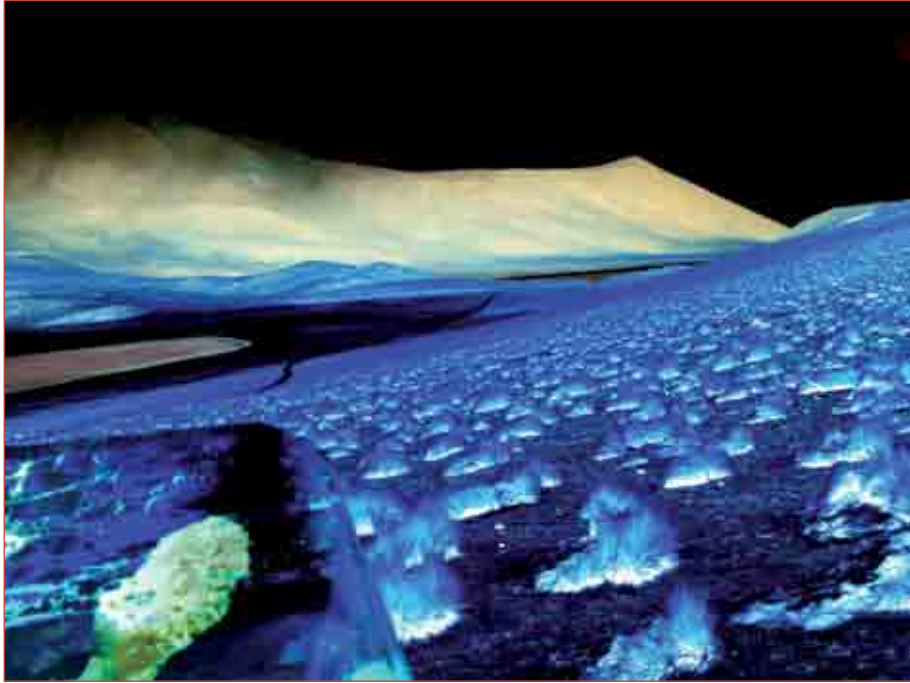
“Quero uma Arte séria e engajada com a construção da Beleza no mundo. Por isso ela precisa ser doce, serena, cativante, e alegrar as pessoas.

Quero que ela seja produzida no requinte e impecabilidade da beleza, naquilo que o universo me possa fazer condutor.

Não quero minha arte concorrendo com outra arte e sim compartilhando, ensinando e aprendendo com outros artistas; não se escondendo, não se ocultando e sim se doando sem perder sua essência para se ajustar ao mercado.”

Nazzareno Stanislau
Artista Plástico







No Brasil, o Quilling está ganhando impulso, reconhecimento e mercado, graças ao empenho e à criatividade de mestres artesãos, entre eles, Miguel Guter.

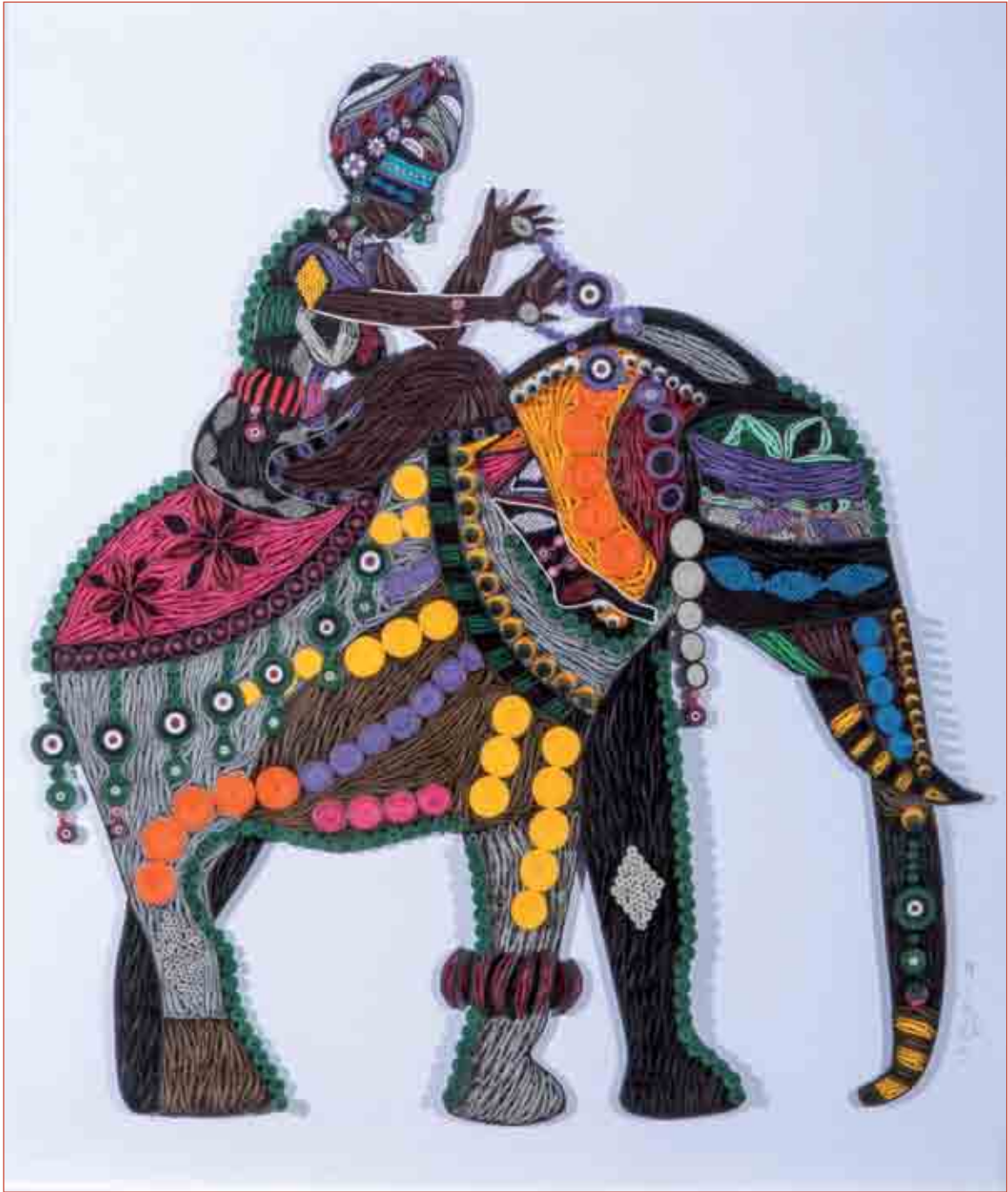
MIGUEL JAIME GUTER FILIGRANAS

Embora de origem ainda pouco explorada em termos históricos, o Quilling remonta aos ateliês italianos, ingleses e franceses da Idade Média. A técnica, essencialmente artesanal, era aplicada a materiais diversos que variavam dos cachepôs aos metais, note-se, num período onde o papel era matéria-prima rara e seu domínio, para poucos.

No Brasil, o Quilling está ganhando impulso, reconhecimento e mercado, graças ao empenho e à criatividade de mestres artesãos, entre eles, Miguel Guter. Argentino de nascimento, ele adotou o Ceará como seu local do coração, onde desenvolve suas atividades artísticas e gráficas. É considerado como uma das referências sul-americanas da técnica, que consiste num precioso trabalho manual de aplicação de tiras de papel enroladas para modelagem sobre imagens.







Todas as imagens têm um estranhamento, uma coisa deslocada: belas monstras, deuses humanos, pedaços de imagem que entram ou saem da composição, espaços abertos e fechados.

ISA FRANTZ NEXOS EM TRÂNSITO

"As telas de Isa Frantz misturam em um caldeirão de cores mitologias universais, imaginário folclórico popular e experiências de estranhamento resultantes, dentre outras coisas, do confronto entre culturas e costumes do encontro Brasil-Portugal. Aluna do programa de Mestrado em Ilustração Artística pela Universidade de Évora, a artista fez um redescobrimto tanto da ancestralidade dela como da nossa, brasileiros que compartilhamos com os portugueses 'relações estranhamente díspares; deslocadamente iguais', conclui.

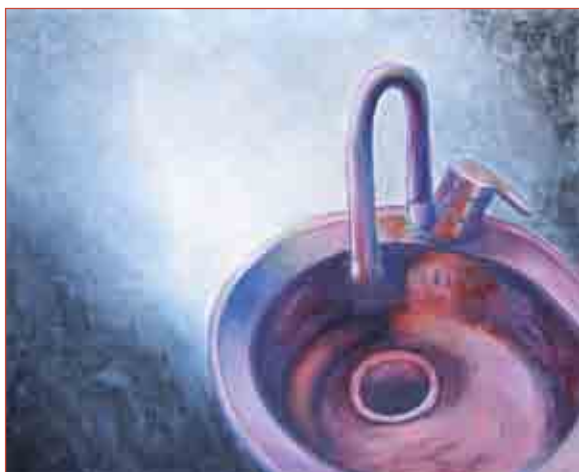
Das redescobertas surgiram pinturas de pura alegria, como se tecidas com chitas. Diante de nossos olhos, uma harmonia delicada entre cultura popular brasileira e mitos universais se desenrola em narrativas quase oníricas. O centauro, a sereia e a deusa Shiva convidam Iemanjá, ex-votos e São Jorge para brincar saindo e entrando das telas. Indo e vindo de nossos sonhos, de nossas viagens, de nossa imaginação espantada, mas encantada. "Todas as imagens têm um estranhamento, uma coisa deslocada: belas monstras, deuses humanos, pedaços de imagem que entram ou saem da composição, espaços abertos e fechados. Um sentido sempre trânsito", ressalta a artista.

"A constante presença dos signos verbais como intermediários do entendimento durante minha estada em Portugal estabeleceu um cenário de complexas possibilidades, onde a linguagem pouco a pouco foi tecendo confusas tramas. Os iconotextos, observados na maioria das obras, aludem ao adensamento das situações de comunicação enfrentadas e ecoam a desordem e os processos de ressignificação vividos", explica Isa Frantz.

É ver para crer que nas obras de Isa Frantz estamos também em trânsito, ou melhor, em transe, ressignificados pela força criativa da Arte."

Luciana Assunção
Jornalista







Nos mares de Angelo Issa, não posso ignorar a mão que cava a tinta espessa e o artista que insiste em afirmar: eu vi o mar.

ANGELO ISSA SILÊNCIO

“Um imenso litoral, que ameaça não terminar caso o artista persista. Um mar que perpassa os homens, denunciando sua frágil matéria: memória. Há um gesto de alguém que interfere, que invade a intimidade com esse movimento de ir e vir, horizontal, vertical, diagonal.

Pode parecer que falo de coisas sensíveis quanto falo de matéria. E é assim mesmo, e é também o contrário. Nos mares de Angelo Issa, não posso ignorar a mão que cava a tinta espessa e o artista que insiste em afirmar: eu vi o mar. Às vezes, a pintura se prolonga em apêndices, parênteses... devaneios. E quando vejo a pintura, sinto o calor leve que não vem do sol, mas da luz. O sol se ressentido, tenho a impressão, pois ainda que todos os que povoam aquela areia encontrassem sombra, ali estaria a luz, tépida. Mas é cor de tinta, é mão que movimenta o mar, espessura da memória...”

Sergio Vaz

Artista Plástico e Professor da Escola Guinard







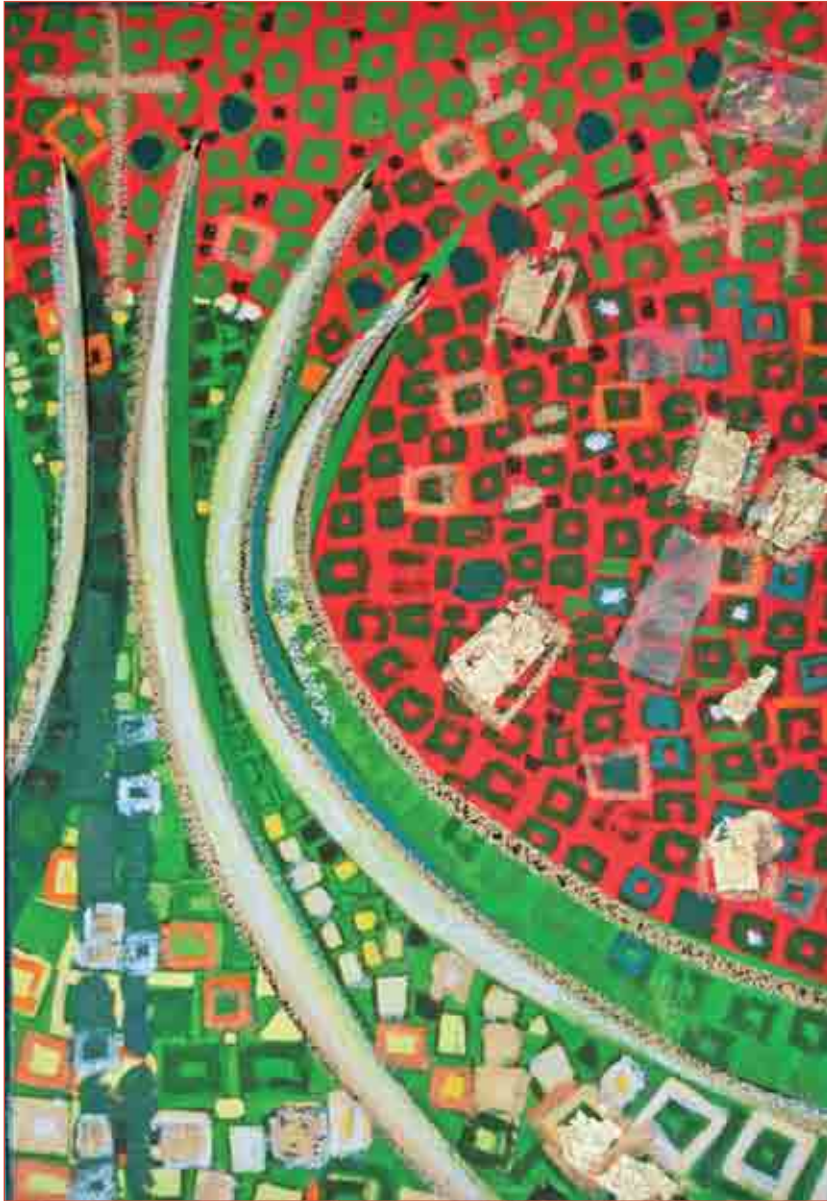
Busca-se também alertar o público, principalmente as novas gerações, para a necessidade de preservação desse patrimônio, contribuindo, também, com a preservação da memória coletiva do povo de Brasília.

JÚLIA DOS SANTOS BAPTISTA BRASÍLIA TEM TODAS AS CORES – 54

“A exposição propõe uma relação artística entre arte visual contemporânea, arquitetura, filatelia e vídeo e, certamente, contribuirá com o enriquecimento pessoal e cultural das pessoas que dela participarão, ressaltando a importância histórica e cultural de Brasília e sua relevância internacional como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Busca-se também alertar o público, principalmente as novas gerações, para a necessidade de preservação desse patrimônio, contribuindo, também, com a preservação da memória coletiva do povo de Brasília. Acredita-se que esta exposição poderá colaborar de uma maneira bastante direta e inovadora com o Programa Turismo Cívico em Brasília.”

Júlia dos Santos Baptista
Artista Plástica







A vida também não é uma. É profusão de vidas, brotando em todas as dimensões, o que para o artista é de fundamental importância na formação visual do ser humano.

MARCELO MOURÃO

100% LIVRE

“Sendo brasileiro, faz de seu berço (Núcleo Bandeirante) musa inspiradora neste inédito trabalho. Na exposição 100% Livre, os objetos não são apenas objetos. São sinfonia de cores, utensílios, materiais que, colocados lado a lado, têm voz, contam a história de uma cidade que existe e no passado era uma cidade livre, erguida com restos de materiais de construção do Planalto Central e cheia de uma identidade cultural múltipla que, com o passar dos anos, vem se transformando.

Para produzir a exposição, o artista acabou por reunir as próprias memórias, assim como a identidade original de seus vizinhos, os quais, fornecendo fotos, histórias, materiais reutilizáveis, celebraram em conjunto o espírito de intimidade da cidade interiorana que a Cidade Livre já foi, além de reviver a maneira como a localidade surgiu: erguida a partir do restante do material de construção de Brasília. Esse esforço de elaboração coletiva, aliado à multifacetada cultura da região, construiu o artista polivalente Marcelo Mourão. A vida também não é uma. É profusão de vidas, brotando em todas as dimensões, o que para o artista é de fundamental importância na formação visual do ser humano.

Desse casamento entre o presente e o passado, seu abstracionismo é uma meditação crítica sobre a existência e seus conflitos, pois perpassa todo o processo criativo uma mistura de intuição com intelecto. Ao aplicar os vários princípios de organização e composição visual, o artista controla e integra os elementos reciclados encontrados na própria cidade e também doados pela comunidade, estabelecendo relações que, além de harmoniosas, ainda variam o suficiente para serem empolgantes.

Também inclui certa sensação de equilíbrio visual, relações apropriadas de tamanho e escala, áreas com graus variáveis de dominância ou ênfase e movimento pictórico. Isso feito de modo natural possível, estabelecendo uma relação espacial entre objetos. A obra pode sofrer muitas mudanças à medida que progredir, mas o arranjo final (a imagem) comunica efetivamente o sentimento do artista pela sua cidade e pela importância da influência cultural dos demais estados na construção da capital de um país e na sua identidade visual.”

Carmen Silvia San Thiago

Curadora







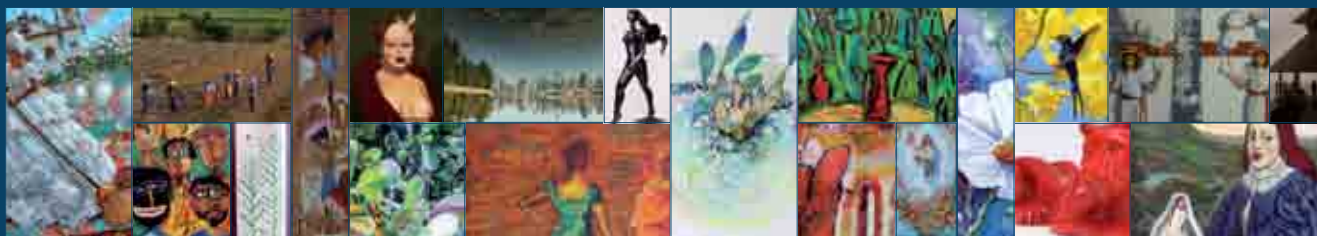
STJ SUPERIOR
TRIBUNAL DE JUSTIÇA

ESPAÇO CULTURAL STJ
SAFS Quadra 6, Lote 1, Trecho III
Edifício dos Plenários, 2º andar/Mezanino
Brasília, DF
CEP 70.095-900

Telefone: (61) 3319-8559/8460

Impressão

Seção de Serviços Gráficos da
Secretaria de Administração do Conselho da Justiça Federal



STJ SUPERIOR
TRIBUNAL DE JUSTIÇA